

SIMPOSIO INTERCRISTIANO, 10, Isola di Trinos (Grecia), 16-19 settembre 2007 – *San Giovanni Crisostomo Ponte tra Oriente e Occidente*. A Cura di Luca Bianchi. Padova: San Leopoldo, 2009. 232 p. Simposi Intercristiani; 10.

De 16 a 19 de Setembro de 2007 decorreu na ilha de Trinos, na Grécia, o X Simpósio Intercristão, organizado pelo Instituto Franciscano de Espiritualidade da Pontifícia Universidade "Antoniano" de Roma e pelo Departamento de Teologia da Faculdade Teológica da Universidade "Aristoteles" de Tessalónica. Versou sobre São João Crisóstomo, padre da Igreja antiga, nascido em meados do séc. IV em Antioquia da Síria e falecido em 407 na província do Ponto. Pretendeu a iniciativa celebrar os 1600 anos da morte daquele que, tendo-se formado em Antioquia, feito uma experiência eremítica e integrado o presbitério da mesma cidade, ascendeu à sede episcopal de Constantinopla em 398, para aí sofrer enorme hostilidade, com reiterado exílio, ao ritmo das rivalidades entre as sedes patriarcais de Antioquia/Constantinopla e Alexandria, com os seus influxos sobre os círculos imperiais, nomeadamente sobre Eudóxia, esposa do imperador Arcádio. Ao ardor da pregação, que lhe valeu o epíteto de Crisóstomo (boca de ouro), João juntou a abundância dos seus escritos exegético-pastorais a marcar o ritmo da Igreja no seu tempo e a transbordar para outras épocas e lugares. Assim se justifica também o estudo de João Crisóstomo no X Simpósio Intercristão, que o reconheceu como "ponte entre o Oriente e o Ocidente".

O volume publicado, reunindo as actas do Simpósio, apresenta um conjunto de estudos, sobre a figura de João Crisóstomo. Procurando compreendê-lo como "ponte" entre duas áreas eclesiais, no seu tempo culturalmente diversas e posteriormente eclesialmente divididas, os estudos provêm da pena de diferentes teólogos, orientais e ocidentais, e alargam a análise de Crisóstomo à abrangência duma viagem entre o passado e o presente.

O seu pensamento é colocado em diálogo com o apóstolo Paulo, com Agostinho de Hipona, com Francisco de Assis ou com o contemporário Pavel Evdokimov, nas conferências de Ioannis Kourembeles, Vittorino Grossi, Pietro Messa e Basilio Petrà respectivamente. Kourembeles estudou os pressupostos cristológicos e antropológicos do pensamento de Paulo e de João Crisóstomo, sublinhando o conhecimento que este tinha da cristologia paulina e as consequências da mesma sobre o seu pensamento eclesiológico, aproximando os dois na dinâmica social de um modo de entender aberto à universalidade. Nas palavras de Kourembeles, «participar da carne do Verbo não significa "estar parado" nela, mas mover-se na sua amplitude, que é maior do que a comunidade eclesial, que distingue em Cristo os vários membros, mas (felizmente) não pode separá-los» (p. 45). Grossi recenseia a presença do pensamento de Crisóstomo nalguns escritos de Agostinho de Hipona, nomeadamente nos que respeitam à controversia pelagiana. A recepção do padre antioqueno prolongou-se pelos séculos seguintes, como evidencia o estudo de Messa, no que respeita ao influxo sobre Francisco de Assis, pela via da liturgia e sobretudo do ofício. Petrà estuda a recepção de João Crisóstomo pelo teólogo russo do séc. XX Evdokimov, emigrado em Paris, salientando como este procurou alicerçar naquele a sua reflexão sobre o sacramento do matrimónio.

A percepção da função mediadora de João Crisóstomo entre o oriente e o ocidente ultrapassa a recepção do seu pensamento por protagonistas eclesiais de diferentes épocas. Cesare Alzati trata das relações de comunhão entre o oriente e o ocidente ao tempo de Crisóstomo, sem se centrar exclusivamente no papel deste. Anna Koltsiu-Nikita aborda a tradução latina das suas obras, sublinhando o seu uso já por parte de Agostinho de Hipona e distinguindo três períodos: as primeiras traduções antigas, ligadas quanto parece aos interesses dos seguidores de Pelágio; as traduções dinamizadas por Cassiodoro no séc. VI; as traduções do século XII, num período de diálogo entre o oriente

e o ocidente, após o cisma de 1054 e antes das graves tensões decorrentes da tomada latina de Constantinopla em 1204. Ottorino Pasquato estuda o pensamento de João Crisóstomo sobre os leigos e a sua recepção ocidental no século XX, antes, durante e após o II concílio do Vaticano. Panaghiotis Yfantis refere-se à superação cristã da morte e ao martírio cristão nas homilias dedicadas aos mártires. Também aqui se sublinha a unidade, porquanto para João Crisóstomo a veneração dos mártires remete para o próprio Cristo, «que mediante o seu amor e a sua irradiação espiritual glorifica os membros e garante a unidade entre eles» (p. 83).

Alguns estudos, provenientes de teólogos ortodoxos, interessam-se directamente pela relevância ecuménica do pensamento de João Crisóstomo, procurando retirar dele elementos para o percurso actual do movimento ecuménico. Chrisostomos Savvatos trata do significado ecuménico do seu ensino sobre a unidade e catolicidade da Igreja, baseado na eclesiologia paulina. No sentido de perceber os limites colocados pela ortodoxia ao reconhecimento das outras confissões no âmbito do diálogo ecuménico, Savvatos parte ao encontro do pensamento de Crisóstomo, sublinhando que para ele a Eucaristia é a melhor expressão da unidade da Igreja. A relação da "totalidade" da Igreja que nela se dá «não diz respeito exclusivamente e só à presença histórica da Igreja, mas também à situação futura, enquanto mudança dinâmica e não historicamente estática» (p. 208). A unidade eucarística supõe, é certo, a unidade da fé, mas mais como pressuposto da unidade efectiva do que como seu objectivo exclusivo, tendo em conta que «a diversidade dentro da própria Igreja não comportava também a alteração da essência da unidade eclesial e da expressão autêntica da catolicidade» (p. 209). Da sua reflexão, Savvatos retira algumas considerações importantes para uma nova fase do movimento ecuménico, designadamente a redefinição teológica das fronteiras entre "ser Igreja" e "ter significado eclesiológico", a redefinição do conteúdo do termo Igreja "católica", tendo por base o conteúdo qualitativo da verdade como ortodoxia, e a afirmação da unidade eclesial no respeito pela diversidade e pela alteridade como caminho para a comunhão. Chrisostomos Stamoulis apresenta João Crisóstomo como profeta do amor ecuménico. Defende pois que «o amor ecuménico, para Crisóstomo, é uma pessoa, não uma doutrina moral separada» (p. 219). Recorrendo aos seus escritos, refere que «este é o Mistério da *kenosis* "em favor do universo inteiro", selado com o sangue de Cristo, que se torna "a purificação comum... de toda a ecúmena"» (p. 219).

Saudamos vivamente a edição deste volume que alarga a um público mais vasto as excelentes reflexões lançadas no Simpósio de Trinos. A partilha da produção científica de teólogos orientais e ocidentais sobre um padre da Igreja apreciado no oriente e no ocidente ao longo dos séculos, permite evidenciá-lo como "ponte" entre dois espaços eclesiais culturalmente distintos e retirar do seu pensamento elementos significativos para o avanço do diálogo ecuménico. Na carta escrita por ocasião deste Simpósio, Bento XVI afirmava que «a cooperação ecuménica no âmbito universitário contribui para manter viva a tensão para a comunhão desejada entre todos os cristãos» (p. 17). Acreditamos, por este volume, que a realização do Simpósio correspondeu ao que se esperava e que a leitura das suas actas pode continuar esse desiderato.

Adélio Fernando Abreu